

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio Brasiliense Class.: P1NR1015  
 Data 12/03/86 Pg.: \_\_\_\_\_

4468  
**Raoni fica em Brasília até Apoena cair**

"Não tenho medo de polícia e posso até morrer aqui", disse o cacique no Planalto

SILBERTO ALVES



**M**aciel recebeu alguns caciques, mas a maioria ficou de fora, sob as vistas de PMs e de cães

O cacique Raoni saiu ontem do Palácio do Planalto disposto a morrer, se for preciso, mas não arredará pé de Brasília enquanto o presidente da Funai, Apoena Meireles, não for demitido. "Eu não tenho medo de Polícia. Posso até morrer aqui", disse Raoni, que também não acre-RJ que o ministro-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, irá solucionar o problema. Segundo o deputado Mário Juruna (PDT), Maciel prometeu estudar os documentos que lhe foram entregues e ainda ontem conversar com o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto. Juruna também saiu decepcionado da audiência porque, como disse, não

conseguiram nada de concreto, apenas a promessa do ministro de conversar com Costa Couto. O deputado também quer a demissão de Apoena. "Eu apoiava Apoena, mas como está fazendo papel de besta não posso aceitar", disse ele.

Entre os outros índios, o antropólogo Cláudio Romero é o nome indicado para a presidência da Funai, mas o deputado Juruna disse ontem que não podia se comprometer com nenhum nome. O que ele fez foi criticar o atual presidente, acusando-o de corrupção. Segundo Juruna, Apoena está traindo os índios e levou três milhões de antigos cruzeiros para Aragarças

que foram distribuídos a chefes indígenas na presença do Exército.

Ele também acusou Apoena de haver mandado a Polícia espancar índios em Campo Grande e de ser responsável pelos conflitos, já que está ensinando os índios a pedir esmolas. "Se houver conflito, a responsabilidade é do Governo", afirmou Juruna. Sem uma definição, as lideranças indígenas que se encontravam ontem em frente do Palácio do Planalto decidiram continuar em Brasília e trazer ainda mais índios. "Não acredito que Maciel vai tirar Apoena. Tem que a gente ir aqui em Brasília", deu a palavra de ordem o cacique Raoni.

**Tropa de choque cerca o Palácio**

O clima das medidas de emergência, em abril de 1984, foi revivido ontem na Esplanada dos Ministérios com todo o requinte das tropas de choque e batalhões do Exército para impedir uma manifestação de 122 líderes indígenas. Desde às 15 horas começaram a chegar no Palácio do Planalto 12 caminhões com tropas do Exército e da PM que ficaram de prontidão à espera dos índios como se ali estivesse para acontecer uma guerra.

Quando o cacique Raoni — o mesmo que a pedido do presidente Sarney tratou do cientista Ruschi — chegou acompanhado de mais quatro índios, sua passagem foi barrada. Ele, que sempre frequentou o Palácio do Planalto como amigo do Presidente, não podia mais entrar. O clima ficou tenso. A ordem era deixar passar apenas o deputado Mário Juruna, que ainda não havia chegado para ser recebido pelo ministro-

chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel. O deputado cacique chegou e fez o seu desabafo: "Até hoje índio é considerado objeto de branco". Ele protestou contra o aparato policial e denunciou o presidente da Funai, Apoena Meireles, de estar corrompendo os índios ao distribuir dinheiro em Cuiabá para líderes indígenas. "Apoena está ensinando índio a pedir esmola", afirmou Juruna, denunciando o que ele chamou de vergonha. "Apoena sempre corrompeu", disse o deputado.

**CÃES AMESTRADOS**

No momento em que Mário Juruna, o cacique Raoni, o cacique Kremoro e mais dois outros índios subiam as quatro andares para falar com o ministro Marco Maciel, outros 120 índios, na praça em frente ao Palácio, eram cercados pela tropa de choque. Os cães amestrados da Polícia Militar fizeram tremer de rai-

va o cacique Txucarramãe Krumari, que gritou bem forte: "Eu não tenho medo de nada, eu sou guerreiro". Índio, segundo ele, está acostumado é a matar onça, não cachorro.

Anailton, cacique Pataxó, dizia que aquilo tudo ali era para mostrar como o índio é tratado nesse País e pedia calma aos companheiros. Todo o aparato de repressão foi preparado para uma batalha, mas os índios chegaram desarmados. Havia muitas mulheres e até crianças de colo. Eles exigiam a demissão do presidente da Funai, Apoena Meireles, e gritavam que "Falta Tancredo Neves neste País". Alguns policiais faziam gracejos e diziam para os repórteres porque não entrevistavam também os cães. Os índios respondiam as gozações gritando a palavra de ordem de demissão de Apoena ou cantando. "Quem é que pode mais/ E Deus no Céu e Xingu na terra".

**PM desconhece cabeça de índio**

"Estamos aqui apenas para observar, porque não se sabe o que sai da cabeça de menino, juiz e índio". Essa foi a justificativa dada pelo major Palmeira, do Batalhão de Choque da Polícia Militar para a permanência, desde o início da tarde, de quase 80 soldados e 17 cães na frente do Ministério do Interior.

Ninguém sabia informar quem havia acionado tal contingente policial. No Ministério do Interior a versão oficial dava conta de que as forças policiais foram acionadas pelo Governo do Distrito Federal, em virtude do noticiário publicado hoje na imprensa de que chegaria um grupo de índios armados para somar força com os trezentos que se encontram na cidade, exigindo a demissão do presidente da Fundação Nacional do Índio, Apoena Meireles.

"Estamos aqui para treinar. Se os índios chegarem vamos dar uma trelnadinha", dizia o ca-

pitão Sôlon. O treinamento não aconteceu. Enquanto os policiais esperavam um grupo de índios armados que invadiria o Ministério do Interior, por volta das 16 horas apenas cinco índios Xavante, liderados pelo cacique Celestino, da Aldeia Parabubure, chegaram pacificamente ao Minter. Com muita calma, Celestino fez um rápido discurso na língua Xavante, garantindo que não estava ali para brigar com ninguém, mas apenas para conversar. O segurança do Ministério, deixando transparecer seu nervosismo diante da borduna de Celestino, explicou que o contingente policial estava ali a pedido do órgão.

Em seguida chegaram os caciques Txucarramãe, Wai Wai e Kremuro do Parque Indígena do Xingu e o líder dos Wassu (Alagoas), Ibis Freitas. Este último, repudiando em voz alta o aparato militar, disse que os índios iriam propor ao ministro Ronaldo Costa Couto, não

só a saída de Apoena Meireles, mas também a promoção de um simpósio nacional para que a questão indígena fosse discutida e elaborado com documento que orientasse a política indígena a ser adotada pelo órgão tutor. Esse mesmo documento, segundo Ibis, serviria também de embasamento para a Constituinte.

Até o final da tarde os índios não foram atendidos pelo ministro do Interior. Somente o deputado cacique, Mário Juruna (PDT-RJ) falou com o chefe de gabinete, Deuedith Right de Aquino. Juruna reivindicou a retirada dos policiais da frente do ministério e assegurou que o prédio não seria invadido. Após uma rápida conversa com a imprensa, Juruna se dirigiu ao Palácio do Planalto, onde teria uma audiência com o ministro-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel. Ele, entretanto, não adiantou o que iria conversar com o Ministro.

**Costa Couto resiste à pressão**

A Coordenadoria de Comunicação Social do Ministério do Interior negou ontem que o ministro Ronaldo Costa Couto tenha prometido ao cacique Raoni, conforme ele declarou à imprensa, que demitirá o presidente da Funai, Apoena Meireles. Também desmentiu que a convocação da Tropa de Choque da PM tenha partido do Ministério, como disse o major Cavalcante, responsável pela operação.

A autoridade do governo será mantida e a reestruturação da Funai vai ser feita, embora haja muita gente interessada em que isso não aconteça. São essas pessoas que estão manipulando os índios e tentando trazer mais índios para Brasília e tumultuar a Funai, inclusive envolvendo líderes indígenas autênticos de boa-fé, como o ca-

cique Raoni — declarou o coordenador de Comunicação Social, jornalista José Martins Arantes.

Ele informou que o Ministro se reuniu por mais de cinco horas com os índios na última quinta-feira, recebeu o deputado Mário Juruna (PDT/RJ) em audiência de três horas anteciente à noite e falou ontem com os caciques Raoni, dos Txucarramãe, e Paulo Paiakam, dos Goro-tire, e o diretor do Parque Nacional do Xingu, Megaron. Além de explicar aos índios o plano de reestruturação da Funai, negando a atualização do órgão, o Ministro ouviu suas acusações contra Apoena Meireles.

Ainda de acordo com o coordenador de Comunicação Social do Ministério do Interior, Costa Couto recebeu do presidente da Fu-

nai, amplo relatório sobre o episódio da demissão de Evódio Terena da delegacia do órgão em Campo Grande, assegurando, inclusive, que foi o delegado substituído, Osmar Coelho, quem convocou a polícia na ocasião, após 15 dias de invasão do prédio por uma facção dos índios Terena que desejava a volta de Evódio.

No relatório, Apoena Meireles colocou para o Ministro, segundo José Arantes, que "não haverá solução viável para a 9ª Delegacia Regional enquanto as lideranças Terena da região estiverem em conflito", acrescentando que "a única solução no momento é designar alguém neutro para responder pela Delegacia, até que os Terena se entendam e encontrem um nome de consenso".